

MULHERES NEGRAS EMPREENDEDORAS NA TECNOLOGIA: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS A PARTIR DA LITERATURA DA SPELL E DE ENTREVISTAS QUALITATIVAS

Danielly Elissamar dos Santos Moraes

Flávia Alexandrina Coelho Marcos

RESUMO: Este artigo analisa as trajetórias de mulheres negras empreendedoras na tecnologia no Brasil, a partir da literatura da Spell e de entrevistas qualitativas. A pesquisa destaca como a interseccionalidade entre raça, gênero e classe impacta oportunidades e desafios, evidenciando que, apesar de avanços em escolaridade, persistem desigualdades econômicas e estruturais. O estudo aborda a baixa representatividade de mulheres negras no ecossistema de startups e destaca que inovação tecnológica não elimina barreiras sociais, reforçando a importância de estratégias específicas e de um olhar interseccional para ampliar a inclusão e a equidade nesse campo.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Empreendedoras. Tecnologia. Interseccionalidade.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, compreender a interseccionalidade entre eixos de raça, gênero, ocupação e origem socioeconômica é fundamental para a formulação de ações públicas e institucionais mais efetivas no campo do empreendedorismo. Esse debate ganha relevância quando se observa que a população negra representa 56,7% da população brasileira (IBGE, 2025) e que, entre os empreendedores estabelecidos, os negros correspondem a 48,1%, segundo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2024). Esses dados indicam não apenas a centralidade da população negra na dinâmica empreendedora nacional, mas também a necessidade de aprofundar a análise sobre as condições em que essa participação ocorre, especialmente quando se considera o recorte de gênero e a inserção em setores intensivos em inovação e tecnologia. Nessa direção, a interseccionalidade permite compreender que diferentes eixos que articulam-se na produção de desigualdades e vulnerabilidades específicas (CRENSHAW, 2002).

Nesse contexto, o empreendedorismo feminino negro não pode ser tratado como mera extensão do empreendedorismo feminino em geral, pois é atravessado por singularidades específicas através dos eixos citados anteriormente. Como observa Crenshaw (2002), as

experiências de mulheres racialmente marginalizadas muitas vezes permanecem invisibilizadas quando analisadas apenas por categorias amplas de raça ou gênero. Estudos do campo já apontam que o empreendedorismo foi historicamente construído a partir de referenciais masculinos e de uma suposta neutralidade que invisibiliza as experiências de mulheres e, de modo ainda mais acentuado, de mulheres negras (MIRCHANDANI, 1999; BRUNI; GHERARDI; POGGIO, 2004; AHL; MARLOW, 2012).

Quando esse debate é deslocado para o campo da tecnologia, a lacuna analítica se torna ainda mais evidente. O levantamento do Sebrae Startups Report Brasil (2025) identificou 22.869 startups ativas no país, com crescimento de 26,7% em relação ao ano anterior. No entanto, no eixo de diversidade, o mesmo relatório mostra que apenas 16,6% das startups registram presença de mulheres e 12,3% de pessoas negras, sinalizando que a expansão do ecossistema não tem sido acompanhada, na mesma intensidade, por inclusão racial e de gênero (SEBRAE, 2025). Em paralelo, o próprio relatório indica que o ecossistema brasileiro ainda está fortemente concentrado em estágios iniciais de maturidade, com predominância de modelos de menor intensidade tecnológica, o que reforça a importância de investigar quem consegue acessar e sustentar trajetórias nesse ambiente (SEBRAE, 2025).

Além disso, a literatura crítica sobre negócios tecnológicos mostra que inovação, flexibilidade e adaptação, frequentemente celebradas como marcas desse universo, não eliminam hierarquias sociais nem barreiras estruturais; ao contrário, podem coexistir com seletividades e exclusões (BARBOSA; MANSANO, 2023).

Diante disso, este artigo parte da seguinte questão: como a literatura nacional e as trajetórias de mulheres negras empreendedoras na tecnologia evidenciam os desafios e as estratégias de atuação no contexto brasileiro? Assim, o objetivo do estudo é analisar trajetórias de mulheres negras empreendedoras na tecnologia a partir da literatura identificada na Spell e de três entrevistas qualitativas com empreendedoras negras atuantes nesse campo. Ao articular produção acadêmica e evidências empíricas, o trabalho busca contribuir para a compreensão de um fenômeno ainda pouco explorado no Brasil e ampliar o debate sobre interseccionalidade, empreendedorismo e tecnologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo, gênero e raça: crítica à suposta neutralidade do campo

O empreendedorismo tem sido frequentemente tratado como atividade econômica universal, positiva e neutra, orientada por mérito individual, inovação e capacidade de identificar oportunidades. No entanto, essa leitura vem sendo criticada por estudos que demonstram que o campo é atravessado por normas de gênero, relações de poder e hierarquias sociais que influenciam quem é reconhecido como empreendedor legítimo e quais trajetórias ganham visibilidade (MIRCHANDANI, 1999; BRUNI; GHERARDI; POGGIO, 2004; AHL; MARLOW, 2012). Em estudos mais recentes, Ferretti (2025) reforça que os discursos

normalizadores sobre o empreendedorismo ainda o posicionam como fenômeno neutro em termos de gênero, desconsiderando barreiras, subjetividades e assimetrias que marcam a experiência de mulheres negras em segmentos dominados pelo masculino.

Quando se acrescenta o recorte racial, essa crítica se aprofunda. O empreendedorismo deixa de ser compreendido apenas como escolha individual e passa a ser analisado como experiência socialmente situada, moldada por desigualdades históricas de acesso ao trabalho, à renda, ao crédito, à formação e à legitimidade. Nesse sentido, o olhar interseccional permite compreender que os desafios do empreender não se distribuem de forma homogênea entre os indivíduos, mas se intensificam para mulheres negras, cuja trajetória é marcada simultaneamente por gênero, raça e, muitas vezes, classe social (FERRETTI, 2025; FEITOSA; MASCENA, 2024).

2.2 Mulheres negras e interseccionalidade: especificidades do empreendedorismo negro feminino

O empreendedorismo feminino negro constitui uma categoria analítica distinta do empreendedorismo feminino em geral e do empreendedorismo negro tomado de modo amplo. Feitosa e Mascena (2024) argumentam que a mulher negra enfrenta adversidades decorrentes não de um único marcador social, mas da intersecção entre raça e gênero, o que impacta suas oportunidades, o modo como é tratada no mercado e as estratégias que desenvolve para sustentar seus negócios. Os resultados de seu estudo evidenciam desafios relacionados à falta de oportunidades no mercado de trabalho, à dificuldade de acesso a recursos financeiros, às desvantagens em negociações, parcerias e captação de capital, além da incidência de preconceitos que afetam técnica, psicologicamente e financeiramente essas empreendedoras (FEITOSA; MASCENA, 2024).

Nessa direção, Aguiar, Nassif e Garçon (2023) demonstram que os desafios enfrentados por mulheres negras empreendedoras no Brasil podem ser agrupados em sete categorias: conflito família-trabalho, vida em comunidades, recursos financeiros, medo do fracasso, falta de modelos ou experiência, desvantagem educacional e discriminação socioeconômica. Essa sistematização reforça que o empreendedorismo de mulheres negras não pode ser analisado a partir da mesma lógica aplicada a grupos socialmente privilegiados, uma vez que suas trajetórias se desenvolvem em contextos de desigualdade estrutural e baixa equivalência de oportunidades.

2.3 Trajetórias históricas e contemporâneas de resistência: da sobrevivência à afirmação identitária

A relação entre população negra e práticas empreendedoras no Brasil possui raízes históricas profundas. Conforme o texto-base do artigo, apoiado em Santos-Souza, Rego e Jaime (2025), o empreendedorismo entre pessoas negras remonta ao período escravista e se revela como alternativa econômica, estratégia de sobrevivência e possibilidade de inserção social em contextos de intensa desigualdade. Nessa trajetória, a atividade econômica autônoma não

aparece como fruto exclusivo de oportunidade, mas como resposta possível à exclusão e à precariedade, permitindo sustento, dignidade e, em alguns casos, a conquista da liberdade. O próprio texto destaca que a autonomia e a informalidade constituem dimensões estruturantes da vivência econômica da população negra no país.

Esse processo histórico ganha expressão concreta na figura das negras de tabuleiro e das escravizadas de ganho. Conforme registrado no material-base, essas mulheres ocupavam os espaços públicos, circulavam pelas ruas e contrastavam com os papéis sociais atribuídos às mulheres brancas das classes dominantes, marcadas pelo resguardo doméstico. Muitas delas conquistavam a alforria e se tornavam símbolos da transição para o trabalho livre, ganhando destaque por sua autonomia e liderança comunitária em espaços marcados pela convivência entre escravizados, libertos e brancos pobres (DIAS, 1985).

Na contemporaneidade, essa lógica da sobrevivência permanece como eixo importante. Feitosa e Mascena (2024) mostram que o empreendedorismo de mulheres negras frequentemente emerge da necessidade e da escassez de oportunidades no mercado de trabalho formal. Ferreira et al. (2023), por sua vez, evidenciam que mulheres negras periféricas migram para o empreendedorismo em razão de múltiplas opressões, como racismo estrutural, sexismo, invisibilização e acesso restrito a recursos e conhecimento. Assim, o negócio aparece não apenas como fonte de renda, mas como forma de inserção econômica e de reação a estruturas que limitam sua participação em condições equivalentes no mercado formal.

Ao mesmo tempo, a literatura recente mostra que o empreendedorismo também pode constituir espaço de afirmação identitária, resistência e reexistência. Ferretti (2025) identifica que mulheres negras em segmentos dominados pelo masculino constroem possibilidades de resistência no cotidiano, reposicionando-se diante de relações de poder e reafirmando seu lugar enquanto mulheres e empreendedoras. Feitosa e Mascena (2024) identificam comportamentos de superação como sororidade, aquilombamento, resiliência e aprendizado contínuo, o que revela que o empreendedorismo feminino negro ultrapassa a dimensão econômica e passa a envolver pertencimento, apoio coletivo e construção de legitimidade.

2.4 Produção acadêmica recente no Brasil: análise transversal da literatura da Spell

A busca realizada na base *Scientific Periodicals Electronic Library* (Spell), em fevereiro de 2026, com os descritores “mulheres negras empreendedoras”, “empreendedoras negras” e “negócios de mulheres negras”, retornou seis trabalhos. Após leitura dos títulos, resumos e aderência temática ao objeto deste estudo, foram considerados cinco artigos diretamente relacionados ao empreendedorismo de mulheres negras no contexto brasileiro. A leitura transversal desse conjunto permite identificar convergências importantes na produção nacional recente, especialmente no que se refere às barreiras estruturais que atravessam essas trajetórias, às formas de resistência construídas pelas empreendedoras e à ainda limitada exploração do campo da tecnologia como recorte analítico específico.

De modo geral, os estudos convergem ao indicar que o empreendedorismo de mulheres negras no Brasil não pode ser compreendido a partir de uma lógica abstrata de mérito ou oportunidade isolada, pois suas trajetórias são marcadas por desigualdades estruturais relacionadas a gênero, raça, classe e acesso a recursos. Feitosa e Mascena (2024) mostram que o empreendedorismo de mulheres negras emerge, frequentemente, da necessidade e da escassez de oportunidades no mercado formal, sendo atravessado por dificuldade de acesso a crédito, racismo estrutural e desvalorização profissional. As autoras também destacam que, diante dessas barreiras, as empreendedoras desenvolvem comportamentos de superação, como sororidade, aquilombamento, resiliência e aprendizado contínuo, elementos que reposicionam o empreendedorismo como prática de sobrevivência, fortalecimento e construção de legitimidade (FEITOSA; MASCENA, 2024).

Em perspectiva próxima, Ferreira et al. (2023) enfatizam que o empreendedorismo de mulheres negras se desenvolve em condições de múltiplas opressões, nas quais racismo estrutural, acesso limitado ao conhecimento e restrição de oportunidades comprometem o desenvolvimento dos negócios. O estudo reforça a urgência de políticas públicas mais inclusivas e de ações que ampliem as condições de autonomia econômica e social dessas mulheres, destacando que a permanência no mercado não depende apenas do esforço individual, mas também de condições concretas de apoio e transformação estrutural (FERREIRA et al., 2023).

Ferretti (2025), por sua vez, contribui para essa discussão ao analisar mulheres negras empreendedoras em segmentos dominados pelo masculino, mostrando que os negócios também podem operar como espaços de (re)existência e afirmação identitária. Em vez de compreender o empreendedorismo apenas como atividade econômica, a autora evidencia práticas de resistência que se manifestam na valorização da própria formação, no reposicionamento diante de contextos adversos e na disputa cotidiana por reconhecimento e legitimidade (FERRETTI, 2025).

Ainda que situado no campo do turismo, o estudo de Santos e Sá (2021) oferece contribuição relevante para o presente debate ao evidenciar a invisibilidade da mulher negra em espaços de consumo, representação e reconhecimento social. Ao defender políticas públicas inclusivas e estratégias de marketing que reconheçam a mulher negra como entrevistada legítima, o texto amplia a compreensão de que a exclusão não se limita ao acesso aos recursos econômicos, mas também se manifesta no plano simbólico e na forma como determinados corpos são posicionados nos mercados e nas narrativas sociais (SANTOS; SÁ, 2021).

Já Aguiar, Nassif e Garçon (2023), a partir de revisão narrativa de 76 publicações, sistematizam sete categorias de desafios enfrentados por mulheres negras empreendedoras no Brasil: conflito família-trabalho, vida em comunidades racial e socialmente segregadas, limitações de acesso a recursos financeiros, medo do fracasso, ausência de modelos empreendedores, desvantagens educacionais e discriminação socioeconômica. Essa sistematização é especialmente relevante porque reúne, em um mesmo esforço analítico,

diferentes camadas de vulnerabilidade que impactam a gestão e a sustentabilidade dos negócios liderados por mulheres negras, reforçando que o empreendedorismo feminino negro frequentemente se estabelece como alternativa de sobrevivência em uma sociedade ainda marcada por marginalização estrutural (AGUIAR; NASSIF; GARÇON, 2023).

A análise dos estudos localizados na Spell evidencia um conjunto recorrente de desafios no empreendedorismo de mulheres negras, entre os quais se destacam a dificuldade de acesso a crédito, a deslegitimação técnica, a invisibilização em espaços de negócios, a relevância das redes de apoio e o empreendedorismo como espaço de resistência e afirmação identitária (AGUIAR; NASSIF; GARÇON, 2023; FEITOSA; MASCENA, 2024; FERREIRA et al., 2023; FERRETTI, 2025). Entretanto, a literatura ainda apresenta baixa densidade analítica quando o recorte recai especificamente sobre a área da tecnologia. É nesse ponto que as entrevistas realizadas neste estudo se tornam relevantes, pois permitem observar como essas categorias aparecem, se reorganizam ou ganham novos contornos nas trajetórias de mulheres negras que atuam em negócios tecnologicamente orientados.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adota abordagem qualitativa e caráter exploratório, por buscar compreender, em profundidade, as trajetórias, os sentidos atribuídos ao empreender e os desafios vivenciados por mulheres negras atuantes na área da tecnologia. A escolha por esse desenho metodológico decorre da adequação das pesquisas qualitativas à investigação de fenômenos socialmente situados, atravessados por gênero, raça, trabalho e processos de resistência, especialmente quando o objetivo é apreender experiências, percepções e estratégias construídas pelas próprias entrevistadas da pesquisa (GIOIA; CORLEY; HAMILTON, 2013).

Para fins deste estudo, consideram-se empreendimentos na área da tecnologia aqueles cuja proposta de valor, operação ou potencial de escalabilidade dependam intensivamente de tecnologia, inovação aplicada e modelos de negócio inovadores, compreendidos como startups ou empresas de base tecnológica. Conforme Barbosa e Mansano (2023), as startups se caracterizam pela inovação, rapidez, flexibilidade e alta capacidade de adaptação aos mercados.

A pesquisa foi desenvolvida em duas frentes complementares. A primeira consistiu em revisão da literatura nacional na base *Scientific Periodicals Electronic Library* (Spell), realizada em fevereiro de 2026, com os descritores “mulheres negras empreendedoras”, “empreendedoras negras” e “negócios de mulheres negras”. O levantamento inicial retornou seis artigos. Após leitura dos títulos, resumos, objetivos e aderência temática, foram mantidos cinco estudos diretamente vinculados ao objeto da pesquisa, os quais subsidiaram a construção das categorias analíticas mobilizadas na leitura do material empírico. A segunda frente correspondeu à etapa empírica, composta por três entrevistas semiestruturadas com mulheres negras empreendedoras atuantes em negócios com componente tecnológico ou inovador.

As participantes foram selecionadas a partir de três critérios: autodeclaração racial, identificação de gênero e atuação em empreendimentos cuja operação ou proposta de valor se relacionasse diretamente à tecnologia, à inovação ou a soluções de base digital e escalável. As entrevistas foram realizadas virtualmente, por meio da plataforma Google Meet, com duração média aproximada de uma hora. Após autorização das entrevistadas, os relatos foram registrados, transcritos e organizados para análise.

Tabela 1 – Perfil das entrevistadas

Entrevistada	Cidade	Idade	Setor de atuação	Orientação do empreendimento	Ano de fundação/formalização
E1	Rio de Janeiro (RJ)	39	HRTech / HealthTech	Oportunidade	2020 / 2024
E2	Rio de Janeiro (RJ)	55	BeautyTech	Oportunidade	2020 / 2020
E3	Rio de Janeiro (RJ)	31	BeautyTech / CosmeticTech	Oportunidade / Necessidade	2016 / 2026

Fonte: Elaboração própria com base nas entrevistas realizadas em 2026.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas foi orientada pelo método de Gioia, Corley e Hamilton (2013), procedimento adequado a investigações qualitativas voltadas à construção de categorias analíticas apresentadas nas entrevistas foram: trajetória empreendedora, acesso ao crédito e recursos financeiros, desafios estruturais e interseccionalidades, liderança e aquilombamento a partir das narrativas das participantes. Inicialmente, os relatos foram examinados em termos de primeira ordem, preservando a linguagem e os significados atribuídos pelas entrevistadas. Em seguida, esses elementos foram agrupados em temas de segunda ordem e, posteriormente, em dimensões analíticas mais amplas, articuladas à literatura revisada sobre empreendedorismo feminino negro, interseccionalidade e tecnologia. A leitura transversal das entrevistas permitiu identificar eixos analíticos centrais com base na abordagem interseccional (CRENSHAW, 2002).

A trajetória empreendedora das entrevistadas, observada a partir do eixo empreendedorismo por necessidade ou oportunidade (CRENSHAW, 2002), demonstra percursos marcados sobretudo por oportunidade estratégica e transição planejada entre as mulheres negras atuantes na tecnologia.

“Antes de fazer uma transição de carreira, o que eu comecei foi efetivamente a fazer um planejamento para fazer isso, né? Então foi uma coisa bastante pensada assim. Então, aproveitei para começar a guardar um dinheiro. Assim, eu já tinha uma carreira, né? Era já era bem mais sênior assim na minha posição de engenheira.” (E1)

“Em 2024, com a mudança da normativa aqui no Brasil, eu identifiquei uma oportunidade de mercado.” (E1)

“É, a oportunidade, ela surge da do momento de ruptura com o passado, eh, o momento de transição.” (E3)

Conforme Feitosa e Mascena (2024), a motivação dessas empreendedoras ultrapassa a dimensão estritamente econômica, articulando-se também ao fortalecimento da comunidade e à construção de uma identidade legítima no mercado. O acesso a capital e a recursos financeiros é classificado por Aguiar, Nassif e Garçon (2023) como uma categoria central de desafio para a sobrevivência e a gestão de negócios liderados por mulheres negras. Sobre essa barreira estrutural, a empreendedora destaca:

“A startup às vezes ela fica parada porque não tem da onde tirar. Então a gente não tendo esse acesso a essa política de conseguir um um incentivo, seja empréstimo mesmo, não precisa, não é nem um valor grande, mas a gente precisa de um fluxo de caixa maior para estruturar a nossa marca, para ter um estoque.” (E3)

“Mas o que eu tive acesso aqui, para mim, isso é uma coisa muito interessante, foi começar a me inserir no ecossistema de eh de fomentos, em especial os fomentos não reembolsáveis, assim, eu consegui o fomento da FAPERJ, né? Então eu tô aí na no startup hub da FAPERJ, o que já trouxe um recurso não reembolsável. Então isso é legal assim, a gente conseguir ter um um uma aceleração financeira mesmo através dos fomentos, né? E aí tem muitos fomentos. Aí precisa, a gente precisa estar sempre ativo buscando. Então assim, eu consegui fazer captação de de recurso via fomento.” (E1)

Crenshaw (2002) utiliza a metáfora das avenidas para explicar como mulheres racializadas são atingidas por fluxos de opressão vindos de várias direções ao mesmo tempo. A experiência das entrevistadas é atravessada por formas compostas de subordinação, nas quais raça e gênero se entrelaçam para produzir barreiras que afetam sua legitimidade profissional. Esse processo aparece em E3, quando relata a descriminalização intelectual e a percepção de inadequação em espaços de inovação, e em E1, que descreve episódios severos de sabotagem técnica e conflitos societários, nos quais sócios homens tentaram deslegitimar sua autoridade e sua propriedade intelectual sobre a ferramenta que ela mesma criara. Segundo Ferretti (2025), essas relações de poder refletem mecanismos que operam para manter corpos negros em posições subalternizadas, exigindo dessas mulheres estado permanente de vigilância e reafirmação de suas capacidades.

“Essa mesma pessoa que falou que eu queria matar as pessoas porque eu era uma irresponsável resolveu pegar o projeto para ele e dizer que a ideia foi dele” (E1)

“...foi quando eu dei entrada no registro de software que criei, no então consegui proteger o código-fonte com registro de software no INPI” (E1)

“Eu recebo muitas perguntas quando eu estou falando, apresentando a marca, você é química, você tem formação? Você sabe quem é que é o formulador, né? Então, são perguntas que dificilmente são feitas pro meu esposo, por exemplo” (E3)

A ameaça de estereótipos gera sentimento de inferioridade e insegurança quanto às habilidades gerenciais dessas mulheres. Esse ambiente hostil as empurra para uma busca mais intensa por qualificação como meio de disputar legitimidade em condições menos desiguais no interior do grupo hegemônico (AGUIAR; NASSIF; GARÇON, 2023).

“Então esse lugar da aparência de parecer uma mulher à frente, né, do seu negócio, ele é muito mais pesado para uma mulher negra do que para uma mulher branca” (E3)

“Uma mulher negra jamais hipótese alguma em lugar em cargo de liderança, que é ser a dona do do seu negócio, ela pode estar simples” (E3)

“Isso também é uma forma de mostrar que eu não sou apenas a vendedora da marca, eu sou a CEO do projeto, que eu sou a fundadora da marca, eu tô ali como uma líder preta, né?” (E3)

“A preta bem arrumada, a preta que que fala bem, eu vou me botar nesse lugar” (E2)

As empreendedoras buscam afirmar constantemente que são capazes de ocupar esse espaço por meio de comportamentos de superação, como o aprendizado contínuo e a manutenção de uma identidade profissional percebida como inatacável, evitando serem vistas sob perspectivas de inferioridade ou desqualificação profissional, conforme discutem Feitosa e Mascena (2024).

Como estratégia de resistência e superação, as entrevistadas mobilizam o aquilombamento e a sororidade. Na perspectiva de Murphy (2022), o aquilombamento corresponde ao fortalecimento da comunidade negra para enfrentar o racismo, por meio da criação de espaços próprios de pertencimento, apoio e acolhimento mútuo.

“Hoje eu faço parte de um projeto coletivo que é uma loja colaborativa, se chama Empodera Elas... a gente tem uma rede de apoio quando uma não pode trabalhar, a outra vai no lugar. Então a gente está se fortalecendo bastante nesse sentido” (E3)

“...a força tá em a gente conseguir se juntar e conseguir criar dentro desses grupos articulações mesmo, né? Então assim, tá, como é que a gente consegue entender qual é o nosso problema coletivo e com que entidade a gente vai articular uma possibilidade” (E1)

“...eu tenho parceiros que que comungam no mesmo pensamento que eu. E aí então juntos pela startup a gente faz e tem o pensamento e constrói juntas” (E2)

Esses comportamentos, mapeados por Feitosa e Mascena (2024), mostram que o sucesso dessas empreendedoras não se constitui como feito isolado, mas depende de redes de apoio que enfrentam a solidão do empreender e promovem o compartilhamento de dores, estratégias e soluções.

Por fim, a relação com o apoio institucional revela lacunas significativas. A eficácia dessas políticas depende, como sugere Crenshaw (2002), de protocolos que reconheçam a discriminação interseccional e não tratem as necessidades de mulheres negras de forma genérica ou invisibilizada. Projetos desenvolvidos pelo Sebrae foram relatados como importantes pelas entrevistadas.

“Eu já participei de algumas algumas muitas coisas no Sebrae, né? Então você pode botar uma lista grande (...) participei do Delas Tech, Startup Win IA, Empreendedoras Tech, Sebrae Delas. Fiz o Empretec no Sebrae, eu já fiz muita coisa.” (E1)

“Eu ganhei o prêmio Sebrae Nacional, Mulher de Negócios de 2024, com muito orgulho. A partir disso, minha vida deu assim um outro assim, foi meio que acho que precisava disso para poder cancelar. Falava está no caminho certo” (E2)

“Primeiro, eu acho que a gente precisava de cursos de capacitação, principalmente na questão de gestão, economia, nesse nesse sentido é realmente acesso ao crédito, porque não adianta a gente ter o conhecimento sobre todas as formas de lucrar, de escalar, enfim, e a gente não ter acesso” (E3)

“Eu não, eu não tenho conhecimento de nenhum outro outro além de Sebrae. Sou a testemunha do Sebrae” (E3)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou trajetórias de mulheres negras empreendedoras na tecnologia a partir da literatura da *Spell* e de três entrevistas qualitativas. Os resultados indicam que os desafios já apontados pela produção acadêmica nacional, como dificuldade de acesso a crédito, deslegitimação técnica, invisibilização em espaços de negócios e importância das redes de apoio, também aparecem nas trajetórias das entrevistadas, mas assumem contornos específicos no campo da tecnologia.

No plano empírico, as entrevistas evidenciaram que a inserção e a permanência no setor tecnológico são atravessadas por exigências ampliadas de validação profissional, barreiras no acesso a recursos e necessidade constante de construção de legitimidade. Ao mesmo tempo, os relatos mostraram que identidade racial, posicionamento do negócio e estratégias de resistência aparecem como dimensões centrais dessas trajetórias, especialmente por meio da formação continuada, do aquilombamento, da proteção do conhecimento produzido e da busca por reconhecimento institucional.

O estudo também reforça que o empreendedorismo de mulheres negras na tecnologia não pode ser explicado apenas por inovação, esforço individual ou oportunidade de mercado. Trata-se de um fenômeno marcado pela articulação entre raça, gênero e classe, que condiciona tanto os obstáculos enfrentados quanto as formas de permanência construídas por essas empreendedoras.

Como principal contribuição, o artigo evidencia que a articulação entre revisão da *Spell* e entrevistas qualitativas permite compreender, com maior profundidade, como categorias recorrentes da literatura se atualizam em experiências concretas no setor tecnológico. Por fim, destaca-se a necessidade de ampliar essa agenda de pesquisa, sobretudo com mais estudos sobre mulheres negras em ecossistemas de inovação, financiamento e negócios de base tecnológica. Também se mostra relevante o desenvolvimento de estudos sobre programas de educação empreendedora que incorporem, de maneira intencional e consistente, questões de diversidade e inclusão, de modo a identificar quais abordagens formativas têm maior potencial para fortalecer o protagonismo, ampliar oportunidades e promover condições mais equitativas de inserção, permanência e desenvolvimento de grupos historicamente sub-representados. Por fim, reforça-se a importância de ampliar essa agenda de pesquisa, sobretudo com investigações sobre mulheres negras em ecossistemas de inovação, acesso a financiamento e negócios de base tecnológica.

REFERÊNCIAL

AGUIAR, Heraldo Márcio de; NASSIF, Vânia Maria Jorge; GARÇON, Marcia Maria. Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-26, jan./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2023.v15i1.70911>.

AHL, Helene; MARLOW, Susan. Exploring the dynamics of gender, feminism and entrepreneurship: advancing debate to escape a dead end? *Organization*, [S.l.], v. 19, n. 5, p. 543-562, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1350508412448695>.

BARBOSA, Milena de Lima; MANSANO, Sonia Regina Vargas. As startups no contexto da organização capitalista financeira e as subjetividades empreendedoras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 43, e252949, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003252949>.

BRUNI, Attila; GHERARDI, Silvia; POGGIO, Barbara. Entrepreneur-mentality, gender and the study of women entrepreneurs. *Journal of Organizational Change Management*, [S.l.], v. 17, n. 3, p. 256-268, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1108/09534810410538315>.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Nas fimbrias da escravidão urbana: negras de tabuleiro e de ganho. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 15, n. esp., p. 89-109, 1985. DOI: <https://doi.org/10.11606/1980-535715n4mosd>.

DIEESE. *Brasil e regiões 2024: a inserção da população negra no mercado de trabalho.* São Paulo: DIEESE, 2024. Dados elaborados com base na Pnad Contínua/IBGE, 2º trimestre de 2024.

FEITOSA, Hillary de Lima; MASCENA, Keysa Manuela Cunha de. Mulheres negras empreendedoras e seus comportamentos de superação. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 113-132, abr./jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v18i2.62592>.

FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; CAROLINO, Amanda Ribeiro; NERO, Ana Carolina Pereira; BATISTA, Renata Cristina Gomes; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Empreendedorismo feminino periférico: uma análise decolonial. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 13, n. 3, p. 1-25, set./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2236-417X.2023v13n3.72447>.

FERRETTI, Amanda Soares Zambelli. Gênero, empreendedorismo e prática organizativa: poder disciplinar, biopoder e (re)existências de empreendedoras negras em segmentos dominados pelo masculino. *Faces Journal*, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, jul./set. 2025.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). *Empreendedorismo no Brasil 2024: recorte temático cor/raça.* Brasília: Sebrae; Anegepe, 2024.

GIOIA, Dennis A.; CORLEY, Kevin G.; HAMILTON, Aimee L. Seeking qualitative rigor in inductive research: notes on the Gioia methodology. *Organizational Research Methods*, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 15-31, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/1094428112452151>.

MIRCHANDANI, Kiran. Feminist insight on gendered work: new directions in research on women and entrepreneurship. *Gender, Work & Organization*, [S.l.], v. 6, n. 4, p. 224-235, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/1468-0432.00085>.

MURPHY, D. M. Aquilombamento, Entrepreneurial Black Placemaking in an Anti-Black City. *Sociology of Race and Ethnicity*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 235-249, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/23326492221077945>.

SANTOS, Joice dos; SÁ, Natália Silva Coimbra de. A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo*, Natal, v. 9, n. 2, p. 252-269, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n2ID62908>.

SANTOS-SOUZA, Humberto Reis dos; REGO, Noelia Rodrigues Pereira; JAIME, Pedro. Ética da sobrevivência ou ética protestante? Desvelando algumas raízes do empreendedorismo no Brasil a partir das escravizadas de ganho. In: ENCONTRO DA ANPAD, 49., 2025, Aracaju. *Anais eletrônicos [...]* Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21714/2177-2576EnANPAD2025>.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). *Sebrae Startups Report Brasil 2025: insights do panorama nacional das startups atendidas pelo Sebrae.* [S.l.]: Sebrae, 2025.